



DOI: <https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v15n2.1135>

A filosofia como virtude para o comando: uma análise do impacto do pensamento de William James no capitão Jean-Luc Picard de *Star Trek: The Next Generation*

Philosophy as a virtue for command: an analysis of the impact of William James' thought on captain Jean-Luc Picard from *Star Trek: The Next Generation*

Pedro Brosina Musella

Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

E-mail: pedro.musella@gmail.com |

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9844-6753>

Resumo

A ficção tem servido uma função educativa desde os primórdios da humanidade, representando, de maneira simbólica, os principais valores de suas culturas de origem, e agindo como um espelho através do qual o indivíduo é convidado a aprofundar-se em si mesmo e no mundo a sua volta, conforme vê nos personagens e suas histórias aspectos presentes em sua própria vida. Nesse contexto, o presente artigo busca, a partir de uma análise do personagem de Jean-Luc Picard, o capitão da nave Enterprise em *Star Trek: The Next Generation*, explorar o substrato filosófico por trás dos principais ideais identificados na conduta do mesmo, tendo como ponto de partida o pensamento do filósofo e psicólogo americano William James, com o objetivo de demonstrar os paralelos entre o homem fictício e o pensador pragmatista. Concluímos, a partir deste processo, que é possível argumentar a favor desta relação, uma vez que diversos aspectos da filosofia de James encontram-se também no pensamento do capitão.

Palavras-chave: Pragmatismo; Empirismo; Imaginário Social; Liderança; William James; Jornada nas Estrelas.

Datas:

Recebido: 05/09/2023

Aprovado: 30/08/2024

Publicado: 18/12/2024

Abstract

Fiction has served an educational function since the dawn of humanity, symbolically representing the main values of its cultures of origin, and stimulated as a mirror through which the individual is invited to reflect on himself and on the world around him, as he sees in the characters and their stories aspects present in his own life. In this context, this article seeks, from an analysis of the character of Jean-Luc Picard, the captain of the starship *Enterprise* in *Star Trek: The Next Generation*, to explore the philosophical substrate behind the main ideals identified in his conduct, having as a starting point the thought of the American philosopher and psychologist William James, with the aim of demonstrating the parallels between the fictional man and the pragmatist thinker. We conclude, from this process, that it is possible to argue in favor of this relationship, since several aspects of James' philosophy are also found in the captain's thought.

Keywords: Pragmatism; Empiricism; Social Imaginary; Leadership; William James; Star Trek.

1 Introdução

No décimo sétimo episódio da segunda temporada de *Star Trek: The Next Generation* (TNG), intitulado “*Samaritan Snare*”, o capitão da *U.S.S Enterprise-D*, Jean-Luc Picard, se encontra em uma nave auxiliar a caminho da base estelar 515, onde terá que passar por um procedimento médico cuja importância ele vem ignorando há demasiado tempo. Junto dele está o alferes Wesley Crusher, que se dirige ao mesmo local para participar de alguns exames acadêmicos da Frota Estelar. Durante o percurso, a audiência é convidada à reflexão através do diálogo entre os dois personagens que, sendo os únicos passageiros, se veem obrigados a interagir apesar de suas personalidades tão distintas. Simultaneamente, a tripulação da *Enterprise* é confrontada com seus próprios desafios por meio do encontro inusitado com uma nave *Pakled*, tecendo uma vertente da narrativa que é comparativamente desinteressante.

Picard, sendo um homem mais reservado, busca passar a maior parte da viagem lendo, enquanto Wesley é responsável por pilotar a nave auxiliar até seu destino. Prestes a atingir a base estelar, o capitão pergunta ao jovem se ele havia lido um dos livros que tinha lhe recomendado anteriormente. Embora o título do livro em questão não seja revelado, sua autoria é mencionada de forma explícita. Trata-se de uma obra do filósofo e psicólogo norte-americano William James (1842-1910). O diálogo que se segue é provavelmente um dos mais belos e eficazes meios pelos quais a franquia demonstra sua permanente relação com a filosofia, cujo estudo é, de acordo com o oficial, o maior de todos os desafios. O capitão se despede de seu companheiro com as seguintes palavras: “[...] abra sua mente para o passado. Arte, história, filosofia. E talvez tudo isso possa ter algum significado”.¹

O teatro, tal como admitido por Platão em sua *República*, pode ser — e frequentemente é — uma ferramenta educativa, conforme gera na plateia uma empatia pelos personagens e um desejo por engajar com estes em suas respectivas virtudes ou vícios, ao passo em que esses são provocados em nós através das emoções evocadas pela narrativa. Para ele, a influência que tais narrativas poderiam ter na conduta individual era tão grande que

1 SAMARITAN Snare (temporada 2, ep.7). *Star Trek: The Next Generation* [seriado]. Direção: Les Landau. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1989. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

elas deveriam em um caso ideal priorizar apenas as virtudes, dirigindo assim o espírito para o correto uso de suas capacidades mentais.² Atualmente, o papel antes preenchido pela poética é também responsabilidade do cinema e televisão, que graças aos avanços da tecnologia agora tem um apelo psicológico ainda mais forte que aquele possuído pelo teatro nos tempos da Grécia antiga.

Neste contexto, o impacto de *Star Trek* no imaginário social de inúmeras gerações é inegável, tendo se tornado um fenômeno mundial. De acordo com a revista *Time*, *TNG* (a segunda produção para televisão no universo da franquia após a série clássica de 1966-1969) atingiu tamanha popularidade que, quando em sua última temporada no ano de 1994, tornou-se o drama de maior audiência da televisão sindicalizada, ostentando de 15 a 20 milhões de telespectadores por semana, um sucesso muito maior do que o alcançado pela série original.³ Consequentemente, o personagem de Jean-Luc Picard, o capitão da nova *Enterprise*, tornou-se um dos mais bem conhecidos arquétipos de liderança não apenas na cultura popular estadunidense, mas no mundo todo.

Como oficial em comando de uma das naves mais poderosas da Federação, ele incorpora em si o ideal de um uso instruído do poder, ao qual recorre no grau correto mediante as demandas singulares de cada situação, de acordo com uma noção de sabedoria que prioriza a virtude⁴ como o maior dos bens, mesmo quando esta escolha pode acarretar danos para si e para os demais em seu comando, cujas vidas são, também, sua responsabilidade. É justamente essa capacidade de observar as demandas de seu papel enquanto capitão conjuntamente às necessidades de cada um de seus tripulantes enquanto indivíduos — buscando um curso de ação que é ao mesmo tempo geral e particular — que o torna possuidor do que aqui tratamos pela “virtude do comando”. Assim, Picard inspira na audiência o anseio por um uso erudito da vontade, através do qual qualquer ser humano pode comandar a sua própria vida com a mesma dignidade e beleza que identifica na postura do capitão em suas aventuras pelo espaço.

A filosofia, desde seus primórdios, é compreendida como um amor pelo conhecimento e particularmente pela verdade, mas representa talvez até mais do que isso, como aponta Pierre Hadot, uma escolha de vida, i.e. uma orientação particular da vontade em busca de um bem específico.⁵ Embora não sirvam exclusivamente a essa função, o cinema e a televisão por vezes ilustram, de forma simbólica, exemplos de tais escolhas de vida, razão pela qual, novamente, são tão poderosas ferramentas pedagógicas. Dito isso, torna-se premente que façamos o esforço de melhor compreender as narrativas que nos inspiram a agir de uma ou outra maneira perante a vida, sabendo que elas representam em seu cerne uma exteriorização de elementos internos de nossa vontade.

2 *Rep.* X, 606ad. PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

3 MCMILLIAN, Graeme. “How Star Trek: The Next Generation Changed Pop Culture Forever.” *Time*, 2012. Disponível em: <https://entertainment.time.com/2012/09/26/25-years-later-how-star-trek-the-next-generation-created-changed-pop-culture-forever/>. Acesso em 03 set. 2023.

4 Utilizamos “virtude”, aqui, em seu sentido mais coloquial, estando relacionado à noção de um comportamento que engloba hábitos tais quais a coragem, a sabedoria, a justiça e a temperança.

5 HADOT, Pierre. *What is Ancient Philosophy?* Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

É objetivo deste artigo, por meio de uma análise do personagem de Jean-Luc Picard, desvendar quais são, de fato, os ideais filosóficos que o caracterizam e atribuem a ele tamanha relevância no imaginário social. Embora o nome de William James tenha sido mencionado em apenas um episódio de pouca relevância no início da série — que vai desenvolver-se ao longo de mais cinco temporadas —, é notável como conceitos presentes no pensamento do filósofo estadunidense permeiam indiretamente a ideologia presente na franquia como um todo, mas particularmente na figura do capitão em *The Next Generation*. Assim sendo, utilizaremos esse autor como ponto de partida, argumentando em favor da relação mencionada acima, desenvolvendo uma conexão entre a postura sugerida por James e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da conduta individual.

2 Pragmatismo

Como dito anteriormente, a filosofia possui, em sua constituição histórica, duas vertentes distintas que, ainda assim, podem coexistir de maneira harmônica se tratadas com o cuidado devido a cada uma. Falamos aqui do aspecto *intelectual* de uma busca pela verdade enquanto conhecimento da realidade, e do aspecto *ético* que, como nos lembra o canadense Charles Taylor, não remete apenas ao modo de agir perante o outro, sendo responsável antes pelo desenvolvimento de uma bússola interior com a qual o indivíduo ordena seus valores, as escolhas que faz e o rumo que dá para sua própria vida.⁶ Em um caso ideal, ambas facetas da filosofia trabalham em conjunto para ordenar o pensamento e as ações individuais.

Tal interpretação, que vê uma estreita relação entre o desenvolvimento do conhecimento teórico e a vida prática é profundamente influente na história da filosofia, desabrochando-se em diversas formas com o passar dos séculos. Entre tais está o pensamento conhecido como “pragmatismo”, cuja fundação deve muito ao trabalho de William James. O estadunidense, enquanto psicólogo, estava ciente da grande extensão das influências biológicas e fisiológicas nos processos volitivos. Assim, James se via obrigado a analisar a filosofia, enquanto movimento do intelecto, como uma continuação dos demais processos psicológicos, por mais que estes pareçam distantes um do outro. Reiterou, portanto, a noção de que o intelecto serve a um temperamento particular, ao invés do contrário. Para ele, “a história da filosofia é, em grande medida, a de um certo choque de temperamentos humanos”.⁷ Ou seja, uma extensa porção das diferentes opiniões no campo da filosofia deve-se ao fato de terem se originado do pensamento particular de diferentes indivíduos com escolhas de vida dessemelhantes, ao invés de serem resultado de divergências teóricas.

É por essa razão que o norte-americano decidiu argumentar em favor de uma filosofia mais precisa em escopo, que desviasse de tais dilemas mediante um foco

6 TAYLOR, Charles. *The Sources of the Self: The Making of Modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

7 JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. New York: Longmans, Green and CO, 1922, p.6, tradução nossa.

particular no resultado prático das premissas, ao invés de engajar com debates de ordem puramente conceitual. Para o autor, o pragmatismo não se trata de uma forma de pensar *per se*, mas de um método a ser aplicado no processo de formação das premissas básicas. Em suas palavras, tal método busca “interpretar cada noção traçando suas respectivas consequências práticas”, uma vez que “sempre que uma disputa é séria, deveríamos ser capazes de mostrar alguma diferença prática que resulta de um lado ou do outro estar correto”. Caso não seja possível fazer isso, então “as alternativas significam praticamente a mesma coisa, e toda disputa é inútil”.⁸

Quando empreendemos uma análise sobre as virtudes representadas em forma de narrativas na ficção estamos, evidentemente, inundados nesse universo mais prático e individual do pensamento filosófico. Uma das funções da ficção⁹ é, desde o amanhecer da humanidade, servir como um meio de ilustrar simbolicamente valores, juízos sobre as coisas e uma orientação perante ao bem, tanto para o indivíduo quanto para sua comunidade. As razões teóricas que existem como fundamentação para tais escolhas não são, no mais dos casos, tratadas com a mesma atenção que seus efeitos práticos na pessoa e no mundo ao seu redor. Isso não quer dizer que elas não existam, ou que não estejam presentes, mas apenas que permeiam o todo como um firmamento que pode muito bem permanecer subentendido. Assim, sendo nosso objeto de análise parte desse quadro, o pragmatismo de James já se apresenta como um frutífero ponto de partida.

Uma das características mais notáveis do personagem de Jean-Luc Picard é o seu interesse pela filosofia, arte, história e literatura. Além do já mencionado exemplo onde recomenda um livro de William James para o alferes Crusher, o capitão se encontra repetidas vezes fazendo menções a obras clássicas da literatura, sendo capaz de recitar passagens de Shakespeare e Herman Melville fazendo uso apenas de sua memória. Quando em férias de suas responsabilidades como oficial no comando da *Enterprise*, Picard utiliza seu tempo no planeta paradisíaco de *Risa* lendo *Ulysses*, de James Joyce, juntamente com um livro fictício intitulado *Ethics, Sophistry, and the Alternate Universe*, de autoria de um filósofo chamado Ving Kuda. Como um amante de arqueologia, Picard também está familiarizado com obras milenares tais quais a *Épica de Gilgamesh*. Evidentemente, se trata de um indivíduo com amplo interesse na vida da mente.

Entretanto, quando observamos o personagem demonstrar tais conhecimentos, percebemos que ele o faz estando atrelado a contextos particulares, onde encontra nas palavras desses autores vislumbres de sabedoria que subsidiam suas escolhas e inspiram suas atitudes como capitão — aspecto de sua identidade que nunca deixa de estar amplamente presente em sua vida. Picard, assim como William James, é um amante

8 *ibid.* p.45-46, tradução nossa.

9 É importante ressaltar que nem toda narrativa tem esse fim. Ainda assim, enquanto narrativa, como compreendida no contexto da mencionada visão platônica, qualquer história humana versa, em alguma medida, a respeito da experiência humana, mesmo quando esse não é o seu objetivo principal. Todo relato, fictício ou não, conta com a presença de personagens que agem de alguma forma, com seus vícios e virtudes à mostra ao público. Em geral, ao menos no universo das narrativas mais tradicionais, tais personagens estarão representando exemplos a serem seguidos ou evitados.

dos desafios intelectuais e da filosofia, mas os compreende como parte de algo que ultrapassa em muito a pura teoria. Os efeitos desta escolha, em um cenário ideal, seriam o enriquecimento interior do indivíduo e uma melhor ordenação de sua vontade.

2 Empirismo

Como psicólogo, uma vez ciente da relevância dos fenômenos involuntários para o desenvolvimento do pensamento assim chamado “racional”, James se torna defensor de um forte ceticismo no que diz respeito à capacidade humana de produzir crenças verdadeiramente neutras. Neste sentido, buscar uma pretensão de neutralidade seria o mesmo que escolher ignorar propositadamente todas as formas pelas quais a mente pode ser influenciada por forças fora de seu controle.¹⁰ Consequentemente, o autor se torna um opositor do racionalismo, preferindo o estudo empírico da experiência particular em vez das generalizações amplas da razão, que frequentemente acabam por distanciar o observador de seu objeto de interesse:

O empirismo é conhecido como o oposto do racionalismo. O racionalismo tende a enfatizar os universais e a fazer com que os todos sejam anteriores às partes, tanto na ordem da lógica como na do ser. O empirismo, pelo contrário, dá ênfase explicativa à parte, ao elemento, ao indivíduo, e trata o todo como uma coleção e o universal como uma abstração. Minha descrição das coisas, portanto, começa com as partes e faz do todo um ser de segunda ordem.¹¹

Mesmo a própria noção de verdade, argumenta ele, só pode ser corretamente abordada através desta lente empírica. O estadunidense abre mão de uma teoria da verdade como correspondência a favor de uma noção de verdade pragmatista, de acordo com a qual o “verdadeiro” é aquilo cujas consequências podem ser testadas empiricamente, uma vez que ao menos os resultados, a princípio, não podem ser mal interpretados segundo as inclinações pessoais do observador. Se uma crença for útil, ou seja, se constantemente produzir como resultado prático aquilo que seu conteúdo almeja declarar de forma teórica, resolvendo mais problemas do que causa, então ela “funciona” bem, como um adendo ao que determinamos como conhecimento da realidade externa (nosso ponto de referência), sendo, portanto, empiricamente “verdadeira”.¹²

Star Trek, por sua vez, possui conhecidos laços com a ciência e tecnologia, tendo servido de inspiração para muitos cientistas e pesquisadores, atraídos por um universo fictício que preza, à sua maneira, pela integridade e fidelidade científica dos fenômenos retratados, embora extrapolando os limites do real para permitir as tecnologias futurísticas do século 24. Tal paixão pelo descobrimento e pela exploração é uma qualidade essencial da franquia, abertamente declarada em sua clássica abertura: “estas são as viagens da

10 JAMES, William. *A Vontade de Crer*. São Paulo: Loyola, 2001.

11 Id. *The Essays in Radical Empiricism*. New York, Longmans, Green and CO, 1912, p.41-42, tradução nossa.

12 Id. *The Meaning of Truth: A Sequel to Pragmatism*. Westport: Greenwood Press, 1968.

nave estelar *Enterprise*, em sua contínua missão de explorar novos mundos, de pesquisar novas vidas e novas civilizações, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve”.

No entanto, a *Enterprise* dificilmente se encontra desbravando o espaço desconhecido. Na verdade, em sua grande maioria (e especialmente em *TNG*), os episódios do seriado mostram a tripulação enfrentando problemas que muito pouco têm a ver com o lugar físico onde a nave se encontra, e muito mais com os indivíduos que ali estão. Assim, a declaração de abertura não expressa um fato literal, mas uma afirmação a respeito da temática mais ampla da série, revelando algo sobre o embasamento filosófico por trás de seus ideais: a exploração do espaço é aqui utilizada de maneira simbólica como equivalente à exploração da existência e seus fenômenos particulares.

Ironicamente, talvez a mais clara evidência dessa equivalência não esteja em *TNG*, mas em *Deep Space 9* — a série que se passa em uma estação espacial cuja posição é fixa. Nas palavras do capitão Benjamin Sisko: “Somos exploradores. Exploramos nossas vidas, dia após dia, e exploramos a galáxia, tentando expandir as fronteiras de nosso conhecimento”.¹³ Fica manifesto, assim, uma correlação entre a exploração material dos fenômenos observados exteriormente e a exploração interna do *self*. É importante realçar que *Star Trek*, embora seja tão associado ao campo das ciências, possui raízes em uma visão de mundo que abrange muito mais que apenas um materialismo. Picard, assim como os demais personagens, não presume possuir um entendimento completo da realidade ao seu redor, especialmente quando se depara diariamente com tantas coisas que lhe fogem à explicação. Este é um universo onde não se deve presumir qualquer coisa gratuitamente, e até mesmo o mais evidente pode ser questionado (afinal, o primeiro episódio de *Star Trek*, muitos antes da criação de *TNG*, já via os personagens enfrentando uma realidade falsa criada por um astuto grupo de *Talosianos*). Assim, todo fenômeno precisa ser analisado em si mesmo, individualmente, antes que quaisquer adendos abstratos lhe sejam atribuídos.

Esta é uma proposição com a qual James amplamente concordaria, já que para ele a filosofia nunca poderia estar de forma alguma desconectada da experiência empírica, sendo necessário tanto a vivência quanto a reflexão para que se possa retirar da realidade seus reais conteúdos, algo que ele vê presente, por exemplo, na psicologia. James se autointitulava um “empirista radical”, acrescentando que “para ser radical, um empirismo não deve admitir nas suas construções qualquer elemento que não seja diretamente experienciado, nem excluir delas qualquer elemento que seja diretamente experienciado”.¹⁴ Deveria, além disso, considerar também as relações entre as experiências como sendo tão reais quanto elas próprias, desde que fossem experienciadas também empiricamente.

É a partir desta mesma constância empírica que Picard irá, por exemplo, desmascarar as mentiras de *Ardra*, a misteriosa figura que se passa por uma divindade maligna cujos poderes são suficientes para criar terremotos e manipular a matéria no

13 EMISSARY (temporada 1, ep.1). *Star Trek: Deep Space Nine* [seriado]. Direção: David Carson. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1993. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

14 JAMES, William. *The Essays in Radical Empiricism*. New York: Longmans, Green and CO, 1912, p.42, tradução nossa.

episódio da quarta temporada de *TNG*, “Devil’s Due”. *Ardra* contava com o fato de que a tripulação da *Enterprise* fosse atribuir a seus truques uma validade implícita, muito embora tal afirmação não fosse deduzível da experiência em si. É, outrossim, através de uma demonstração empírica que explica para *Nuria*, surpresa com as tecnologias a bordo da *Enterprise*, que o que ela vê sendo mágica se trata, na verdade, de conhecimento científico aplicado em “Who Watches the Watchers”, na terceira temporada.

3 A primazia do indivíduo

Como resultado natural desta forma empírica de apreender a realidade, James aplica os mesmos princípios quando se trata de seres humanos, dando uma importância muito maior para o indivíduo particular e menos à generalizações abstratas e categorias socialmente construídas¹⁵. Similarmente, o capitão Jean-Luc Picard parece corroborar um princípio similar, conforme se mostra um veemente defensor dos direitos individuais.

Durante o julgamento em “Measure of a Man”, onde a liberdade de escolha do comandante Data, um androide, foi posta em questão, Picard tece uma defesa em seu favor baseando-se primeiramente em um senso de dignidade individual presente em todos os seres portadores de consciência, ainda que de um tipo incompreensível a nós. Partindo da experiência singular de Data, e dos ideais presentes no apelo feito pela oposição, ele analisa o comportamento da corte perante este único indivíduo — Data é um andróide cuja complexidade torna impossível, no momento, que sejam produzidas cópias suas —, ilustrando como a decisão tomada perante este indivíduo singular acarreta em repercussões de cunho universal:

Meritíssimo, o tribunal é um crisol. Nele queimamos irrelevâncias até ficarmos com um produto puro, a verdade para sempre. Agora, mais cedo ou mais tarde, este homem ou outros como ele conseguirão replicar o Comandante Data. E a decisão que você tomar aqui hoje determinará como consideraremos esta criação do nosso gênio. Revelará o tipo de povo que somos, o que ele está destinado a ser. Irá muito além deste tribunal e deste único androide. Pode redefinir significativamente os limites da liberdade pessoal, expandindo-os para alguns, restringindo-os selvagememente para outros. Você está preparado para condená-lo e a todos os que vierem depois dele à servidão e à escravidão?¹⁶

Da mesma forma, no episódio “The Offspring”, quando Data consegue, a partir de seus próprios esforços, finalmente recriar um androide como ele, que toma por sua filha, Picard arrisca sua carreira ao desafiar as ordens diretas de um oficial superior que exige que esse novo androide, Lal, seja entregue contra a vontade aos cuidados de cientistas da

15 Essa interpretação pode ser encontrada no texto de James “*The Importance of Individuals*”, citado a seguir.

16 THE Measure of a Man (temporada 2, ep.9). Star Trek: The Next Generation [seriado]. Direção: Robert Scheerer. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1989. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

Frota Estelar. Quando a *Enterprise* encontra um jovem humano criado por *Talarians*, que o adotaram após terem exterminado a colônia onde vivia com os pais enquanto criança, Picard tenta conectá-lo com sua herança humana, porém, ao perceber que está colocando suas crenças e convicções acima das do jovem em questão, decide por devolvê-lo aos pais adotivos, afirmando que “com a melhor das intenções, tentamos convencê-lo e, ao fazê-lo, deixamos por completo de ouvir seus sentimentos, suas necessidades.”¹⁷ Em todos esses casos o capitão parece, novamente, ecoar os mesmos sentimentos de William James, que afirma, por sua vez:

As preferências de criaturas sencientes são o que criam a importância dos tópicos. Elas são os legisladores absolutos e finais aqui. E eu, de minha parte, não posso deixar de considerar o discurso da escola sociológica contemporânea sobre médias, leis gerais e tendências predeterminadas, com a sua subvalorização obrigatória da importância das diferenças individuais, como o mais pernicioso e imoral dos fatalismos.¹⁸

É conveniente lembrar que os *Borgs*, os principais e mais poderosos oponentes da humanidade em *TNG*, com os quais Picard possui um histórico pessoal, constituem uma mente coletiva cujos inúmeros membros foram forçosamente destituídos de sua individualidade, tornando-se drones assimilados ao coletivo, passando a trabalhar desde então, e inquestionavelmente, para os fins do mesmo. A mente coletiva busca com isso “atingir a perfeição” e “uma melhor qualidade de vida para todas as espécies”, sem o menor respeito pela dignidade de cada um de seus membros. Picard, tendo sido vítima desse processo, carrega consigo um particular apreço pela dignidade presente na individualidade singular, especialmente quando oposta à força de um coletivo universal, seja por parte dos *Borgs* ou da própria humanidade. Nesse contexto, é seguro afirmar que James endossaria a atitude de Picard.

3.1 Determinismo e a liberdade individual

Este ponto de vista, com um foco tão dedicado ao indivíduo, acarreta em outra questão de importância tanto para James quanto para Picard, a saber, a problemática entre as noções de determinismo e livre-arbítrio — problemática esta que tem um significado muito importante para James¹⁹, estando amplamente presente no decorrer de sua obra.

17 SUDDENLY Human (temporada 4, ep.4). *Star Trek: The Next Generation* [seriado]. Direção: Gabrielle Beaumont. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1990. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

18 JAMES, William. *Essays in Popular Philosophy*. Longmans, Green and CO, 1919, p. 261-262, tradução nossa.

19 Quanto a isso é interessante comentar que James, tendo lidado com tendências depressivas durante toda a sua vida, encontrou na afirmação do livre-arbítrio uma ferramenta para enfrentar tais desafios. Em suas cartas ele discorre a respeito de como, em um momento crítico de sua vida, ele decide crer na vontade livre como um ato de confiança, usando o livre arbítrio para crer no livre arbítrio: “Meu primeiro ato de livre-arbítrio será acreditar no livre-

Inicialmente, buscou manter uma perspectiva neutra sobre o tema, mas, pragmático como era, logo percebeu muitos problemas com a visão determinista. Segundo ele, a própria realidade de nossas vidas “é o que os determinismos, duros e suaves, suprimem pela sua negação de que qualquer coisa é decidida aqui e agora, e pelo seu dogma de que todas as coisas foram predestinadas e resolvidas há muito tempo.”²⁰

Há boas razões para se crer que o universo de *Star Trek* é, em si mesmo, dotado de livre-arbítrio, uma vez que o conceito de viagem no tempo é algo com o que os personagens lidam frequentemente. Cada vez que isso ocorre, são reiterados os riscos que poderiam advir de uma possível alteração na linha temporal, o que leva a crer que nada é “determinado” de forma fixa no decorrer do tempo. Mas, mesmo que fosse possível argumentar contra esta proposição, ainda seria verdade que pelo menos o indivíduo Jean-Luc Picard mostra uma forte crença a favor da existência do arbítrio. Picard, tendo entrado em contato com uma pessoa do futuro no episódio “A Matter of Time”, pede para que ele revele alguns detalhes do que irá acontecer em uma missão da qual está encarregado, para que possa salvar o maior número de vidas possíveis. Esta figura recusa ceder informações, uma vez que estaria alterando seu próprio mundo caso influenciasse mudanças no que é, para ele, seu passado. Como resposta, Picard afirma “talvez eu não me importe com seu passado, porque seu passado é meu futuro e, no que me diz respeito, ainda não foi escrito.”²¹

No entanto, talvez um exemplo ainda mais claro esteja no filme *Star Trek: Nemesis*, onde o vilão, um clone de Picard com intenções de atacar a Federação, o força a enfrentar a assustadora possibilidade de que ele, caso tivesse vivido diferentemente, talvez houvesse se desenvolvido da mesma forma que o seu adversário, já que ambos eram geneticamente iguais, sendo, portanto, capazes de um mesmo potencial. Enquanto Picard teve a oportunidade de explorar suas melhores qualidades e tornar-se o capitão da *Enterprise*, o seu clone, Shinzon, teve uma vida muito dolorosa nas minas de *Remus*, o que alimentou suas piores tendências, o transformando no homem cruel que agora busca a destruição de Picard. Esta problemática atinge seu ponto crítico quando o capitão tenta convencer Shinzon de que ele poderia tentar ser mais do que é, ao invés de fixar-se no homem que seu passado o fez:

PICARD: Vejo mais do que isso. Eu vejo o que você poderia ser. ...O homem que é Shinzon de Remus e Jean Luc Picard nunca poderia exterminar a população de um planeta inteiro! Ele é melhor que isso!

SHINZON: Ele é o que sua vida fez dele!

arbítrio” (JAMES, William. *The Letters of William James*, v. 1. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920, p.147, tradução nossa). Essa atitude existencial está profundamente conectada com a maneira de James tratar os problemas aos quais busca responder.

20 Id. *The Essays in Radical Empiricism*. New York, Longmans, Green and CO, 1912 p. 183, tradução nossa.

21 “A Matter of Time” (temporada 5, ep.9). *Star Trek: The Next Generation* [seriado]. Direção: Paul Lynch. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1991. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

PICARD: E o que ele fará com essa vida? Desperdiçá-la em uma explosão de ódio? Há um caminho melhor.

SHINZON: É tarde demais.

PICARD: Nunca! Nunca! Você ainda tem uma escolha! Faça a escolha certa agora!

SHINZON: Eu não posso... lutar contra o que sou!

PICARD: Sim, você pode!²²

Embora esta tentativa acabe por ser infrutífera, ela demonstra o quão confiante o oficial comandante da *Enterprise* se sente quanto ao dilema do livre-arbítrio. Novamente, esta parece ser uma consequência necessária de sua crença fundamental de que é o indivíduo singular, e não alguma noção abstrata de determinação biológica ou social, o responsável final pelas suas escolhas. Ao que parece, este é mais um caso onde o homem fictício concorda com o pensamento do filósofo real.

4 Um universo de experiência pura

James, como um empirista, estava convicto de que a melhor maneira de interagir com o mundo estava na constante observação empírica de interações e relações, seguida dos testes apropriados. Como já vimos anteriormente, ele aplica esse modo de agir mesmo quando lida com pessoas e demais tópicos não atrelados diretamente à ciência. Isso atribui ao estadunidense uma característica muito peculiar, pois ao defender o empirismo ele não está exatamente defendendo algo como um materialismo científico. Muito pelo contrário, James crê que uma grande parte da ciência ignora propositadamente dados empíricos em nome de abstrações estatísticas²³. Tal é a razão por trás do autor ser um fervoroso defensor da fé racionalmente premeditada, assim como um entusiasta dos estudos da religião e dos fenômenos paranormais, o que o fez antipático a Freud, mas aberto a Jung.²⁴

22 *Star Trek: Nemesis*. Direção: Stuart Baird. Produção de Rick Berman. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2002. Amazon Prime. Acesso em 03 set. 2023.

23 “Os maiores empiristas entre nós são apenas empiristas em reflexão: quando deixados a seus instintos, eles dogmatizam como papas infalíveis (JAMES, William).

24 Encontramos entre as cartas de James a um amigo os seus comentários sobre a experiência que teve durante um congresso de psicologia onde pode conhecer ambos Freud e Jung: “Fui lá por um dia para ver como era Freud, e conheci também Jung, de Zurique, que professou grande estima por você e causou uma impressão muito agradável. Espero que Freud e os seus alunos levem suas ideias ao limite máximo, para que possamos aprender o que são [...] mas confesso que ele causou em mim pessoalmente a impressão de um homem obcecado por ideias fixas. Não posso fazer nada no meu caso com suas teorias oníricas, e obviamente o ‘simbolismo’ é um método muito perigoso. Uma reportagem de jornal sobre o congresso dizia que Freud havia condenado a terapia religiosa americana (que tem resultados tão extensos) como muito ‘perigosa’ por ser tão ‘não científica’. Bah!” (JAMES, William. *The Letters of William James*, v. 2. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920, p.326, tradução nossa). Jung parece retribuir o interesse que o americano teve em sua pessoa, pois escreveu sobre ele: “foi seu espírito largo

Ao abrir mão do racionalismo e suas formulações abstratas, James encontra nesse mundo de experiência pura uma característica divina, pois é um fato que existem circunstâncias onde o fenômeno do transcendente é vivenciado, em termos amplos. É um fato psicológico que as pessoas sentem inúmeras formas de conexão com o divino, mas é também um fato material, pois essas conexões são causas, muitas vezes, de ações e escolhas individuais que tomamos enquanto seres corporais. Ademais, mesmo entre variedades muito diferentes de experiências deste tipo é possível, argumenta James, perceber alguns padrões fixos, o que o leva a crer que sejam algo a mais que realidades apenas subjetivas. Este é o quadro que explora em seu *As Variedades da Experiência Religiosa*.

Os objetivos do autor com essa empreitada não almejam uma resposta última aos problemas enfrentados, muito pelo contrário, ele se preocupa primeiramente com a análise e exposição do problema em si. Um certo senso de mistério permeia sua obra, conforme ele apresenta aos seus leitores peças de evidência que busca tecer em direção à descoberta de realidades ocultas, porém empiricamente percebidas, que nos alertam para um universo inexplorado da consciência humana²⁵. Utilizando-se da psicologia, James alinha uma perspectiva científica empirista com os anseios espirituais da humanidade, conforme os entende como um fenômeno tão digno de ser estudado seriamente quanto qualquer outro. Não se trata, como argumentaria Freud, por exemplo, de fantasias infantis sem sentido, mas de experiências únicas que permitem uma apreensão mais ampla de nossos estados mentais. Afinal, em seu empirismo ele não admite que nenhuma realidade experienciada diretamente possa estar ausente do esquema, incluindo aquelas que a princípio não fazem sentido para nossas intuições racionais²⁶, como as experiências religiosas.

e abrangente que me descerrou até o incomensurável os horizontes da psicologia humana” (JUNG, Carl. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.71).

25 Podemos encontrar tal interpretação em *The Varieties of Religious Experience*: “os limites mais distantes de nosso ser mergulham, parece-me, em uma dimensão de existência totalmente diferente do mundo sensível e meramente “compreensível”. Chame-a de região mística, ou região sobrenatural, como preferir. Na medida em que nossos impulsos ideais se originam nessa região (e a maioria deles se origina nela, pois descobrimos que eles nos possuem de uma forma que não podemos explicar de forma articulada), pertencemos a ela em um sentido mais íntimo do que aquele em que pertencemos ao mundo visível, pois pertencemos no sentido mais íntimo onde quer que nossos ideais pertençam. No entanto, a região invisível em questão não é meramente ideal, pois ela produz efeitos neste mundo” (JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience*. Londres: Routledge, 2002, p. 397-398, tradução nossa).

26 Em *The Varieties of Religious Experience*, James faz uma defesa do estudo das experiências numinosas a partir de um argumento que observa a distinção acerca do valor racional (isto é, a origem de alguma coisa) e do valor espiritual, estando este último vinculado ao significado e efeito que tem no indivíduo. O objetivo desse movimento é elucidar que, independentemente dessas experiências serem geralmente inefáveis, ou seja, indescritíveis racionalmente, elas podem possuir significado se entendidas apropriadamente. A termos de exemplo, ele utiliza a Bíblia para demonstrar que independente do seu conteúdo factual podemos encontrar valor nela se a interpretarmos como um texto a respeito da experiência subjetiva: “a pergunta ‘O que são as propensões religiosas?’ e a pergunta ‘Qual é o seu significado filosófico?’ São duas ordens de perguntas totalmente diferentes do ponto de vista lógico; [...] Em livros recentes sobre lógica, é feita uma distinção entre duas ordens de investigação a respeito de qualquer coisa. Primeiro, qual é sua natureza? Como surgiu? Qual é sua constituição, origem e história?”

Embora *Star Trek* não seja uma franquia muito conhecida por seu interesse em questões teológicas, dando preferência para uma compreensão mais racional sobre o universo que pode soar, no mais das vezes, antipática à religião, a suposição de que a franquia é completamente avessa a qualquer exploração do transcendente é questionável. Seria mais correto dizer que o éthos de *Star Trek* carrega consigo uma profunda inimizade com as religiões organizadas e especialmente quando utilizadas como ferramenta de controle social, o que é inteiramente coerente com seu foco dedicado aos direitos e dignidade do indivíduo singular.

Isso não quer dizer, entretanto, que dê as costas para a exploração filosófica de aspectos do divino. Na verdade, é possível encontrar diversos exemplos onde fica claro o interesse da franquia por tais questões. Ao que se refere a *Picard* e *TNG*, encontramos logo na segunda temporada da série um desses casos, quando o capitão é indagado sobre sua opinião a respeito da imortalidade da alma. Ele comenta, em sua resposta, como existem aqueles que creem em uma vida póstuma de eterna felicidade e aqueles cuja opinião é a de que a vida termina completamente no momento da morte biológica. Mas ele, *Picard*, possui uma opinião diferente de ambas estas correntes. Uma opinião que, deve-se destacar, parte exatamente de um senso de admiração perante a variedade e ordenação dos fenômenos empiricamente observados:

Considerando a maravilhosa complexidade do nosso universo, a sua perfeição mecânica, o seu equilíbrio entre isto e aquilo, matéria, energia, gravitação, tempo, dimensão, acredito que a nossa existência deve ser mais do que qualquer uma destas filosofias. Que o que somos vai além dos sistemas de medição euclidianos e outros sistemas de medição práticos e que a nossa existência faz parte de uma realidade além do que entendemos agora como realidade.²⁷

Esta passagem, embora se mantenha fortemente distante de uma perspectiva religiosa, demonstra como, para a humanidade de *Star Trek* e para *Picard* em particular,

E, em segundo lugar, qual é sua importância, significado ou significância, agora que já está aqui? A resposta à primeira pergunta é dada em um julgamento ou proposição existencial. A resposta à outra é uma proposição de valor [...] Nenhum julgamento pode ser deduzido imediatamente do outro. Eles procedem de diversas preocupações intelectuais, e a mente os combina apenas fazendo-os primeiro separadamente e depois somando-os [...] Assim, se nossa teoria do valor da revelação afirmasse que qualquer livro, para possuí-lo, deve ter sido composto automaticamente ou não pelo livre capricho do escritor, ou que não deve apresentar erros científicos e históricos e não expressar paixões locais ou pessoais, a Bíblia provavelmente se sairia mal em nossas mãos. Mas se, por outro lado, nossa teoria permitir que um livro possa ser uma revelação apesar dos erros, das paixões e da composição humana deliberada, se for apenas um registro verdadeiro das experiências interiores de pessoas de grande alma lutando contra as crises de seu destino, então o veredicto será muito mais favorável.” (JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience*. Londres: Routledge, 2002, p. 9-10, tradução nossa).

²⁷ WHERE Silence has Lease (temporada 2, ep.2). *Star Trek: The Next Generation* [seriado]. Direção: Winrich Kolbe. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1988. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

a exploração material do espaço não representa os limites últimos “da aventura humana”. Existem ainda outras realidades que não podem ser mensuradas por “sistemas de medição euclidianos”, realidades que embora incompreensíveis para a razão, ainda são uma continuação da experiência empírica. É particularmente interessante observar como o diálogo aqui se assemelha com a maneira de James abordar a questão, ao escrever que “os limites posteriores do nosso ser mergulham, assim me parece, numa dimensão de existência completamente diferente do mundo sensível e meramente compreensível”.²⁸

Em outro episódio, “All Good Things”, o último episódio de *TNG*, Picard se encontra preso em um estado de fluxo temporal, aparecendo em diversas épocas de sua vida, misturando aspectos de seu passado, presente e futuro. Graças a certa ajuda de Q, uma entidade muito poderosa com quem está familiarizado desde o primeiro episódio da série, o capitão tem sucesso em resolver sua situação e neutralizar os efeitos de um fenômeno espacial que, de outra forma, iria destruir a realidade. Ao término dessa crise, no entanto, Q lhe dirige a palavra, realçando a real razão por trás das experiências que passou durante os sete anos durante os quais esteve no comando da *Enterprise* em *TNG*: “essa é a exploração que espera por você. Não mapear estrelas e estudar nebulosas, mas mapear as possibilidades incognoscíveis da existência”.²⁹ Novamente, fica explícito a equivalência entre exploração externa e uma expansão da interioridade.

5 Conclusão

Todas essas qualidades do pensamento de William James acarretam em uma escolha de vida, tese com a qual ele provavelmente iria concordar. O estadunidense se utiliza de todas as ideias que permeiam sua carreira para argumentar a favor de uma perspectiva otimista, que preza pela dignidade individual e defende a capacidade humana de exercer seu livre-arbítrio. Ademais, graças a sua perspectiva pragmática e empirista, ele crê que haja razões suficientes para se priorizar a busca por uma vida boa³⁰, mesmo que isso acarrete riscos epistêmicos. Errar, argumenta, já é parte natural e necessária do processo de busca pela verdade, especialmente considerando-se a falibilidade humana. Em razão

28 JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience*. Londres: Routledge, 2002, p.398, tradução nossa.

29 ALL Good Things (temporada 7, ep.25/26). *Star Trek: The Next Generation* [seriado]. Direção: Winrich Kolbe. Produção: Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1994. son., color. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

30 James discorre em maiores detalhes a respeito dessa temática em seus textos “*Is Life Worth Living?*” e “*What Makes Life Significant*”. Em ambos o norte-americano traça uma estreita relação entre os valores e desafios individuais e uma abertura às possibilidades da existência: “o significado sólido da vida é sempre a mesma eterna coisa - o casamento, a saber, de algum ideal não habitual, por mais especial que seja, com alguma fidelidade, coragem e resistência; com as dores de algum homem ou mulher - e, seja qual for ou onde for a vida, sempre haverá a chance de esse casamento acontecer” (JAMES, William. *Talks to Teachers on Psychology and to Students on Some of Life's Ideals*. Harvard: Harvard University Press, 1983, p.167). Ademais, há, em “*Is Life Worth Living*”, a tentativa de estabelecer uma relação com a visão religiosa, enquanto essa representa uma confiança existencial na possibilidade de sentido.

disso, James defende a tese de que a fé, não enquanto uma forma de adoração religiosa, mas como fenômeno psíquico, pode ser necessária para um desenvolvimento completo da vida, que frequentemente exige de todos nós mais do que o que a razão pode garantir.

Mais precisamente, o autor argumenta que existem circunstâncias específicas onde o ato de crer ou não em alguma coisa afeta o resultado prático das ações relacionadas. Em *“Is Life Worth Living”* o estadunidense ilustra tal ponto através de um exemplo onde um indivíduo se encontra frente a um vão sobre o qual terá que pular para se ver livre. Se ele pular com toda a preocupação que uma situação dessas inspira, pensando nas possibilidades científicas de seu sucesso, ele aumenta as chances de errar e cair, enquanto que se crer, mesmo indevidamente, em suas capacidades, ele faz o pulo com muito mais confiança e aumenta as chances de ter sucesso. Em suas palavras: “você torna verdadeiro um ou outro dos dois universos possíveis por meio de sua confiança ou desconfiança, sendo que ambos os universos eram apenas possíveis, nesse caso específico, antes de você contribuir com seu ato”.³¹

Em cenários como esse, onde não há como saber a verdade até que a ação ocorra, suspender o juízo seria na prática equivalente a não crer, acarretando assim em uma escolha tão arbitrária quanto a de crer sem embasamento algum, dado que a conduta prática é idêntica tanto ao me comprometo com uma alternativa (crer que não é verdade) quanto com a outra (crer que não posso saber que é verdade). Portanto, a percepção de que suspender o juízo representa a atitude mais racional nestes casos é falsa, configurando apenas um palpite com as mesmas chances de estar errado, e “engano por engano, que prova existe de que o engano pela esperança é tão pior do que o engano pelo medo?”³²

Assim, diz ele, faz mais sentido escolher crer naquilo que for mais útil para o sucesso do objetivo almejado, uma vez consciente do fato que a crença influencia as ações e as ações influenciam os resultados obtidos. No decorrer do texto, James sustenta enfaticamente que uma atitude cética que busca evitar o erro é incompatível com o desejo de encontrar a verdade, e em certo sentido até mesmo com a própria vida. Ao lermos suas palavras temos a impressão de estarmos sendo desafiados a deixar para trás as preocupações responsáveis pelas incertezas que cultivamos em nosso ser mais íntimo e abrir-se corajosa e amplamente, em um gesto de fé existencial, para novas e desconhecidas experiências, para nelas encontrarmos algo belo e valioso, a partir do qual podemos descobrir novos significados para a existência³³.

31 JAMES, William. *Is Life Worth Living?*. International Journal of Ethics, Chicago, Vol. 6, No. 1, p. 1-24, Oct., 1895, tradução nossa.

32 JAMES, William. *A Vontade de Crer*. São Paulo: Loyola, 2001, p.44.

33 “Em todas as situações importantes da vida, temos de dar um salto no escuro... Se decidirmos deixar os enigmas sem resposta, essa será uma escolha; se hesitarmos em nossa resposta, essa também será uma escolha: mas, qualquer que seja a nossa escolha, assumiremos as suas consequências. Se um homem escolhe dar as costas definitivamente para Deus e para o futuro, ninguém pode impedi-lo; ninguém pode demonstrar, sem nenhuma margem de dúvida razoável, que ele está enganado. Se um homem pensa da maneira contrária e age conforme pensa, não vejo também como alguém possa provar que ele está enganado. Cada um deve agir como julgar melhor; e, se está errado, o problema é dele. Estamos num desfiladeiro na montanha em meio à neve rodopiante e à neblina que nos cega e, por entre a

Talvez seja este o ponto onde nosso exercício comparativo atinja sua maior profundidade, pois é aqui que percebemos como todas essas características do pensamento de James podem ser compreendidas como uma forma de vida, uma orientação da vontade. A teoria utilizada no percurso culmina em uma afirmação sobre a relação do ser humano com a realidade que o circunda: devemos busca a verdade, porém o fazer de tal forma que a maneira de procurá-la seja mais importante que ela própria, isto é, muito embora dado as limitações humanas é improvável que possamos atingir a verdade última sobre as coisas, isso não deve nos impedir de agir como se tivéssemos posse desse conhecimento, se ele for útil e coerente com a realidade empiricamente observada.

É mais essencial que tenhamos tal ímpeto e desejo pela verdade, ao ponto de arriscar o erro, do que permanecer em segurança na suspensão do juízo, mesmo que com isso possamos evitá-lo. O bem ao qual James busca é, então, mais que a verdade em si mesma, algo mais parecido com uma noção de *conhecimento*. Não um conhecimento puramente teórico, mas um conhecimento empírico, perante o qual não há erro (mesmo ao errar se obtém conhecimento), e mediante o qual o indivíduo se torna mais competente para lidar com os desafios impostos pela vida, pois ao aceitar a possibilidade do risco ele age de maneira a não perder as oportunidades únicas que, de outra forma, ele poderia ignorar, ampliando seu conhecimento no processo.

Esta mesma ideia é ecoada em “Tapestry”, o décimo quinto episódio da sexta temporada de *TNG*, que vê o capitão em uma experiência única na qual, após passar pelo que crê ter sido sua morte, é recebido por Q, que o oferece uma chance de voltar ao passado para reestruturar as escolhas de sua vida a fim de que sua morte nunca ocorra. Ao analisar sua juventude Picard, agora com a perspectiva de um homem mais experiente, encontra inúmeras falhas nas decisões tomadas pelo jovem que costumava ser, e tenta substituí-las por opções mais inteligentes. No entanto, ao fazer isso, ele retorna a um presente onde, embora vivo, encontra-se muito distante do ideal que tinha para si mesmo, estando de forma alguma presente nas decisões do comando, passando seus dias como um tenente sem grandes ambições para si mesmo.

Novamente, uma abertura a um maior escopo de fenômenos está aqui relacionada com o desenvolvimento da identidade. Picard percebe, no final, que seus erros foram parte daquilo que construiu seu caráter como líder, e que mesmo sendo questionáveis de um ponto de vista puramente racional, as escolhas que tomou na juventude lhe deram oportunidades para conhecer mais sobre si mesmo e sobre a vida que gostaria de ter, tornando-se, paradoxalmente, muito mais sábias do que aquelas escolhidas por ele quando adulto para substituí-las. Tal qual o personagem do exemplo de James, ele tornou um ou o outro universo real, de acordo com as crenças que possuía e a conduta por elas produzida.

bruma, temos apenas vislumbres ocasionais de trilhas que podem ser enganosas. Se ficarmos parados, congelaremos até morrer. Se tomarmos a estrada errada, seremos despedaçados. Nem sequer sabemos com segurança se existe um caminho certo. O que devemos fazer? ‘Ser fortes e corajosos.’ Agir da melhor maneira, esperar pelo melhor e assumir o que vier.” (JAMES, William. *A Vontade de Crer*. São Paulo: Loyola, 2001, p.49-50).

Assim, o errar deixa de estar vinculado a uma noção consequencialista e passa a estar relacionado à proporção na qual uma escolha permite ou não que um indivíduo possa, a partir dela, expandir seu conhecimento e expressar sua identidade. Se uma experiência tem o potencial de revelar mais sobre a realidade e a pessoa que a apreende, então nunca consistirá em um erro, desde que aspire a fins justos e virtuosos e obedeça as demandas básicas da razão sem, ao mesmo tempo, tornar-se escravo da mesma.

Eis aqui, possivelmente, uma das melhores ilustrações da filosofia de William James: um apelo caloroso a favor de uma jornada por entre as mais diversas e desconhecidas experiências, com o objetivo de, através do crivo do empirismo, subsidiar a construção de uma identidade mais sábia e saudável, conforme é distanciada dos limites do racionalismo e constituída pela liberdade de crer e agir de acordo com aquilo que lhe parecer melhor, não de forma irracional, mas informado pelo estudo empírico das evidências disponíveis. Não mais presa aos preconceitos da razão, mas confiante em sua capacidade de aprender, de viver a realidade autêntica e honestamente, como um verdadeiro explorador desbravando os confins do espaço, audaciosamente indo onde ninguém jamais esteve.

Referências

HADOT, Pierre. *What is Ancient Philosophy*. Massachusetts: Harvard University Press, 2001.

JAMES, William. *A Vontade de Crer*. São Paulo: Loyola, 2001.

JAMES, William. *Essays in Popular Philosophy*. Longmans, Green and CO, 1919.

JAMES, William. *Talks to Teachers on Psychology and to Students on Some of Life's Ideals*. Harvard: Harvard University Press, 1983.

JAMES, William. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. New York: Longmans, Green and CO, 1922.

JAMES, William. *The Essays in Radical Empiricism*. New York, Longmans, Green and CO.

JAMES, William. *The Letters of William James*, v. 1. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920.

JAMES, William. *The Letters of William James*, v. 2. Boston: The Atlantic Monthly Press, 1920.

JAMES, William. *The Meaning of Truth: A Sequel to Pragmatism*. Westport: Greenwood Press, 1968.

JAMES, William. *The Varieties of Religious Experience*. Londres: Routledge, 2002.

JUNG, Carl. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 2013.

MCMILLIAN, Graeme. "How Star Trek: The Next Generation Changed Pop Culture Forever." *Time*, 2012. Disponível em: <https://entertainment.time.com/2012/09/26/25-years-later-how-star-trek-the-next-generation-created-changed-pop-culture-forever/>. Acesso em 03 set. 2023.

PLATÃO. *A República*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

Star Trek: Deep Space Nine [Seriado]. Produção de Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1993-1999. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

Star Trek: Nemesis. Direção: Stuart Baird. Produção de Rick Berman. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2002. Amazon Prime. Acesso em 03 set. 2023.

Star Trek: The Next Generation [Seriado]. Produção de Rick Berman. Estados Unidos: CBS, 1987-1994. Netflix. Acesso em 03 set. 2023.

TAYLOR, Charles. *The Sources of the Self: The Making of Modern Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.